CUIDADOS DE MÃI! Foto: M.me A. Cazalis

NÚMERO 35
MARÇO 1942


# SUMÁRIO


ELEIÇÃO DO CHEFE DO ESTADO
ABERTURA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PORTO
PROGRAMA (III)
A VIGÍLIA DE EGAS MONIZ
AS OBRAS DE MISERICÓRDIA
CARTAS
UM ROSÁRIO DE SAUDADES
PÁGINA DAS LUSITAS
Deus não dorme e Terezinha «soldado de Cristo»
O LAR — PRODUZIR E POUPAR
TRABALHOS DE MÃOS
Golas para vestidos de crianças
COLABORAÇÃO DAS FILIADAS



**Obra das Mãis pela Educação Naciona[l]**

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Editora Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Travessa da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

**Boletim mensal / Assinatura ao ano, 12$00 / Preço avulso, 1$0**

FOTO: SAN PAYO

*Portugal elegeu o senhor General Carmona, pela 3.ª vez, Chefe do Estado.*

*E dizemos «Portugal», porque não foram só os portugueses com direito de voto que o escolheram: também aqueles que não têm voto lho deram no seu coração e, nêste número, está tôda a Mocidade Portuguesa Feminina.*

*A eleição do Senhor Presidente da República foi mais do que um acto político: foi uma festa de família.*

*Todos os portugueses se sentiram felizes pela reeleição do senhor General Carmona. Pelas suas excelentes qualidades pessoais e pelo modo admirável como se tem desempenhado do seu cargo, Sua Excelência tornou-se tão respeitado e querido na nossa terra e fora dela, que o seu nome, que ganhou glória a bem servir a Pátria, é hoje um nome que glorifica Portugal!*

*Que Deus proteja o senhor General Carmona e lhe conceda a graça, depois de ter guardado a paz em Portugal, de festejar com alegria a paz do mundo!*

*Que o Senhor lhe conceda largos anos de vida e que os cravos que a M. P. F. lhe ofereceu no dia da sua eleição se lhe desfolhem debaixo dos pés para tornar o seu caminho mais suave...*

# ABERTURA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PÔRTO

A 1.ª lição de corte

Servindo o chá

*Inaugurou-se no dia 15 de Novembro o Centro Universitário do Pôrto. Como era dia de Festa para tôdas as Universitárias organizámos uma «Tarde de Arte», servindo-se chá e bôlos, preparados por um grupo de Filiadas.*

*Passámos a tarde num ambiente de alegria e bem estar, nos aposentos tão simples, mas tão graciosos do nosso Centro. Em breves e significativas palavras foi traçado, por uma Filiada, o trabalho dêste ano e recordámos, como não podia deixar de ser, a nossa Colónia de Férias em Sintra. Nós, as que tivemos a dita de lá passar 27 dias, talvez até hoje os mais felizes da nossa vida, contamos a tôdas, que não tiveram essa felicidade, o que foi a nossa vida colectiva na Casa da Gandarinha e os inesquecíveis passeios que demos a todos os pontos, tão belos, de Sintra. Em traços gerais, demos-lhes uma idéia dos dias de prazer infinito, que nos proporcionaram nesta Colónia, em que o espirito se sentia mais alto e mais forte. Descrevemos vários passeios e entre êles aquêle em que fomos com as filiadas da Colónia da Parêde ao Cabo da Roca, onde, diante dum «Pôr do Sol» magnificente, elevámos a Deus, junto ao nosso monumento, uma prece sentida e recolhida pela paz do mundo e por Portugal. Nunca a verdadeira comunhão do material e do espiritual poderá ser pôsto tanto em prática, em Férias, como o foi na Colónia.*

*Tivemos ocasião de viver o fim da nossa organização, o seu Ideal. A nossa alma vibrava com os encantos infinitos da natureza e foi assim, cá dentro do coração, diante de tanta superioridade, no silêncio de nós mesmo, que a transformação se operou.*

*Duma maneira geral, a vida material impera em todos os nossos actos, ficando para segundo plano as belezas naturais e o espirito de observação que, bem desenvolvido, aprecia e quási instintivamente nos faz erguer os olhos ao Céu e concorrer para que outras almas vivam da mesma substância.*

*A Colónia de Sintra para Universitárias fez com que raparigas cheias de entusiasmo e amor à M. P. F. se entregassem de alma e coração ao ressurgimento da Vida Universitária. E' preciso que na Universidade haja amizade*

Preparando os bolos para o chá de abertura do Centro

A' hora do chá; alegre confraternização

*sã e colectiva, para que numa comunhão de espirito tôdas e num só coração e numa só alma lutemos pelo nosso tão belo Ideal: Deus, Pátria e Familia.*

*Foi na Colónia que nós encontrámos a fôrça suficiente para fundar o nosso Centro e por isso não podia de forma alguma deixar de ser recordado, não só por êste sumário esquema, como com vários números das festas tão interessantes, que lá realizámos, dando assim uma idéia geral às nossas colegas e amigas.*

*Entre outros números, uma Filiada entoou canções, que muito agradaram; uma outra recitou um soneto «Exaltação à M. P. F.» feito propositadamente para a abertura do nosso Centro; outras tocaram trechos de música clássica, terminando a «Tarde de Arte» com o entusiasmo de tôdas as Filiadas presentes, cantando em conjunto o Hino da nossa Colónia, tantas vezes por nós entoado no meio da maior alegria.*

Recordação de dias felizes! Filiadas do Pôrto na Colónia de Férias de Sintra. Acompanha-as M.elle Ryberg

*Não nos esquecemos de falar na Ex.ma Snr.a Comissária Nacional, a quem tôdas as Filiadas do Pôrto que estiveram na Colónia de Sintra, estão vivamente reconhecidas pelos momentos tão felizes que nos proporcionou; e não posso deixar de me referir à Ex.ma Directora da Colónia, Snr.a D. Aurora David, a quem muito e muito devemos pelo carinho com que nos rodeou. No nosso Centro é também muito familiar a Fröken, ansiando tôdas as Filiadas por a conhecer pessoalmente. Enfim tôdas as pessoas e factos da Colónia se recordaram na inauguração do nosso, já tão querido, Centro. Um dos seus maiores atractivos é a parte desportiva, que tende a desenvolver-se, e uma Biblioteca que promete ser muito boa, pelos valiosos auxilios que nos propõem dar as nossas dirigentes do Pôrto, a quem muito temos de agradecer.*

*Assim, pouco-a-pouco o Centro Universitário se irá desenvolvendo e em breve nas suas salas tão alegres espero a reünião, em grande número, das Filiadas do Centro 17, para que os problemas essenciais da vida sejam estudados e postos em relêvo, a fim de concorrermos cada vez mais e melhor para o engrandecimento do nosso querido Portugal.*

**Maria Emília Gomes de Azevedo**
**Chefe de Bandeira — Ala n.º 1 — Douro Litoral**

# Programa III

Li — não me lembra já bem onde — que Richelieu dizia que lhe custava menos pensar em como êle havia de defender as fronteiras do seu reino do que saber como defender os dez pés quadrados do seu gabinete.

Parece que agora, para a grande maioria, é o contrário: não se pensará em defender reinos, pela simples razão de que não os temos a governar, mas quem há aí que proteja a valer de todos os barulhos e curiosidades a sua casa... sobretudo a casa do seu interior?

E nada é possível sem esta condição.

**Silêncio. Solidão.**

Todo o homem traz consigo, a um canto qualquer de si mesmo, um tudo nada de deserto.

E importava tanto que cada um de nós tivesse a coragem de lá ir de vez em quando, recolher-se, fugindo de tudo e de todos!...

*Silêncio... Solidão... Deserto...*

A barulheira infernal em que andamos metidos de dia e de noite... a barulheira infernal que anda cá connosco, dentro de nós: imaginação... coração... sentidos do ver, do ouvir...

* * *

Ó Mocidade tão pouco avisada dos perigos que correm a alma e o corpo na agitação permanente da vida moderna...

Ó Mocidade tão pouco acautelada dos prejuízos que te traz o bulício ensurdecedor e envenenador em que gostas tanto de andar metida...

...porque é que os silêncios te enfadam?

...porque é que o recolhimento te molesta e te enerva?

...porque tanta fadiga por te meteres de cabeça nas festas (redopios e volúpias... poeira... fumo... luz... alcool... perfumes...) porquê?

**Porquê?... Porquê?...**

* * *

As Sagradas Letras avisam que Deus não se encontra no meio do barulho. Nem está, nem fala. Não virá daqui que tantos de nós O não encontramos nem dentro, nem fora de nós?

Inquietações do espírito e do coração — almas atormentadas, sem rumo algum — dai-vos cada dia um tudo nada de silêncio. Um grande minuto que seja.

Aquietai-vos, por amor de vós, e querei ouvir-vos **dentro** de vós.

Sabei calar e nada ouvir a não ser aquelas vozes interiores que vos perseguem tão amorosamente.

* * *

Falei aqui de *heroísmo* e de *santidade*.

Pois ainda é êste o caminho: a solidão.

As grandes almas forjam-se **dentro** de si mesmos, só-a-só com O Senhor da sua vida, só-a-só com a sua consciência.

É no *deserto* que se estudam os planos sublimes de que saem depois os enormes e lindos combates que dão ao cabo santos e heróis.

* * *

Ó **silêncio**, namorador das alturas, vem conquistar a alma da mocidade feminina cá abaixo, onde ela se perde por entre o bru-a-á de tanta futilidade.

Ó **silêncio** — o mundo e as almas morrem tanto sem ti!

**G. A.**

# A VIGÍLIA DE EGAS MONIZ

*É deveras tocante a memória contada no manuscrito 175 da Biblioteca Municipal do Porto onde se dá conta de tão enternecedor episódio da vida de Egas Moniz que merece ser contado e recontado...*

*Foi o de uma vigília feita pelo heróico cavaleiro símbolo da lealdade portuguêsa, segundo parece a conselho da Santíssima Virgem, para alcançar a cura de seu Amo e Senhor D. Afonso Henriques.*

*Antes do Infante nascer, já o melhor amigo do Conde D. Henrique solicitara dele a honra de lhe criar o filho em sua casa. O neto de Afonso VI de Espanha veio ao mundo forte e bonito mas completamente tolhido das pernas.*

*A tal ponto parecia paralítico, que todos imaginaram, incluindo os médicos da época, que nunca poderiam conseguir que êle andasse. Quando Egas Moniz renovou ao Conde a petição que fizera temendo que Êle esquecesse a mercê que lhe havia prometido, o marido de D. Tereza respondeu-lhe que* «não quizesse pedir nem criar a um Infante que Deus lhe tinha dado por seus pecados tão enfermo».

*Egas Moniz insistiu, porém, até lhe darem para os braços o doentinho que tratou o melhor que poude e soube, não deixando nunca de rezar por êle com imensa fé.* «Em ti confio meus Deu que podes dar-lhe saúde», *repetia. E nunca perdeu a esperança.*

*Aos cinco anos ainda o pequeno não andava. Tanto pensava Egas Moniz em vê-lo curado, que uma noite sonhou que lhe aparecia a Virgem Nossa Senhora chamando-o, e dizendo-lhe que fôsse a duas léguas da Ribeira do Douro, e mandasse ali cavar até encontrar uma igreja soterrada que fôra edificada havia já bastante tempo e onde se achava a sua imagem.*

*Dando-lhe também o conselho de que mandasse acabar a construção do templo e em seguida ordenasse que o abrissem para o culto, pediu-lhe mais que no fim fizesse uma vigília e colocasse o Infante D. Afonso sôbre o altar.*

*Devia então orar com a maior devoção e oferecer o menino a Deus como* «instrumento em defesa da fé contra os moiros». *Jesus seu Amado Filho ouviria sem dúvida tão fervorosas preces.*

*E em breve o Infantesinho estaria curado.*

*Assim se fez, para bem de D. Afonso Henriques e de todos nós.*

«Ficou tão são, *continua a curiosíssima narrativa,* como se nunca tivesse sido aleijado. Foi muito grande, esmoler, fez grandes e heroicas obras, a maior parte do que tinha e tomou aos moiros ofereceu a Igreja fundou de novo muitos mosteiros como são: Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, Leiria, S. Vicente de Fora na cidade de Lisboa, e São Cristovão em Alafões e os dotou de muita renda, erigiu em Lisboa a see catedral e etc...

*Relembrando hoje os grandes feitos do destemido rei e nobre fundador da nacionalidade portuguesa, respeitamos duplamente a memória querida da gloriosa figura da nossa História, que foi Egas Moniz. A ternura que ditou ao seu coração o cumprimento de vigília merece a retribuição da* «Mocidade Portuguêsa» *que de longe ou de perto deveria fazer mais freqüentemente romagem ao túmulo do mosteiro de Paço de Sousa. Desfolhemos ali respeitosamente as flôres mais belas da nossa melhor gratidão.*

BERTHA LEITE

OBRAS DE MISERICÓRDIA — Brenghel — Museu das Janelas Verdes

# As Obras de Misericórdia

CERTO dia, sentindo a alma dorida e os olhos cansados de se abismarem nos comunicados de Guerra e em gravuras de metralhadoras e «tanks», de engenhos de morte e panoramas de ruinas, desviei o olhar dos tristes sudários da Imprensa e volvi-o para as recamadas paredes de um Museu...

Que sensação deliciosamente repousante, a daquele banho lustral de beleza e de arte!

Mas quando preocupações dominantes nos empolgam o espirito, parece que êste, embora olhando com aprêço tudo quanto é belo, só verdadeiramente vibra e aquece diante das imagens em que descobre alguma relação intima com aquelas preocupações que o absorvem.

Por isto foi, sem dúvida, que no meio de tantas obras de génio, dignas de admiração, o que me despertou maior interêsse foi êste curiosissimo quadro de Brenghel: «AS OBRAS DE MISERICÓRDIA».

E a olhá-lo em meditativo comentário, logo me lembrei de vós — raparigas da Mocidade...

O homem — o «Rei da Criação», que pelas suas obras, agora bem merece o titulo de «Imperador da destruição», — para lançar o mundo inteiro no transe de pavorosa angústia que êle vai atravessando, alegou que assim era preciso arrasar nações e massacrar milhões de vidas, para se poderem dar, depois, melhores dias à humanidade...!

A par da feroz ambição — a dinâmica infernal que arrasta os povos para as guerras — o homem pretende que só com êstes caudais de sangue se poderá lavar a face da terra dos cancros sociais que envenenam as relações entre o género humano.

E nada o convencerá de que outros poderiam ser os remédios para os males do mundo!

Mas nós, mulheres, devemo-nos compenetrar bem da convicção oposta.

E vós, raparigas da Mocidade — obreiras do futuro — deveis nortear a vossa actividade, a vossa vida, pela dogmática doutrina de que o mundo só poderá ser melhorado pelo Bem — e nunca através do Mal. Os processos de barbaridade poderão jugular — mas nunca regenerar!

E os processos do Bem, estão aqui, admiràvelmente simbolizados na tela que hoje abrimos diante do vosso olhar: As Obras de Misericórdia.

Olhai-a com interêsse e meditai-a bem — que ela encerra todo o programa da mais benéfica renovação universal.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Vamos dar de comer a quem tem fome! — E os famintos saciados, talvez deixem, amanhã, de ser os revoltados sinistros, que maquinam a destruïção do que é construido pela opulência.

— Vamos dar de beber a quem tem sêde! — E cada uma dessas gôtas refrigerantes conseguirá, talvez, apagar as labaredas de ódio que tantas vezes se acendem no coração daqueles que têm sêde de água... ou de justiça.

— Vamos vestir os nús! — E dos corpos flagelados pelo frio, amarfanhados pelo desalento, ao sentirem-se aquecidos, consolados, levantar-se-ão os braços possantes, prontos a servir ou até a defender aqueles que, talvez, na véspera, quizessem aniquilar.

— Vamos visitar os enfermos e os encarcerados! — Aos doentes que ao desamparo e nos transes do seu martirio descreram da bondade humana ou da Misericórdia divina, olhando a morte com pavor — talvez as nossas palavras consigam despertar a confiança em melhores dias, ou levar ao caminho da salvação. E os tristes prisioneiros, possìvelmente arrastados ao crime pela maldade fria de outros homens, talvez ao calor da nossa caridade se regenerem.

— Vamos dar pousada aos peregrinos! — E se nenhum bater à nossa porta, a pedir quartel, porque já hoje não andam de longada pelos caminhos, vejamos um peregrino em cada criancinha órfã, em cada vèlhinho sem lar, que à nossa abastança ou à nossa influência recorrem para lhes procurarmos guarida.

— Vamos remir os cativos! — Abolido foi já pelas leis êsse resgate? Mas olhai que ainda nas cadeias, ou caminhando para elas, há muitos desvairados e muitos infelizes a quem outra espécie de caridosa remissão poderá amenisar o castigo ou ainda livrar da desonra.

— Vamos, finalmente, velar com piedade os defuntos, e amparar na dôr quem por êles fica chorando — uma vez que a civilização já de há muito nos dispensou de enterrar os mortos por nossas mãos! — E essas almas imortais, talvez para sempre fiquem a velar por nós, lá da Eternidade, atraindo para a nossa existência terrena mais copiosas bênçãos de Deus!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Entretanto o homem, sem compreender, na sua trágica loucura que só com a prática destas e de semelhantes doutrinas cristãs se poderia dar felicidade ao mundo — para tornar «feliz» a humanidade continuará a incendiar povoações, a afundar navios, a esfacelar sob a metralha milhões de criaturas, a cruciar nas mais lancinantes angústias multidões de crianças, de mulheres, de povos indefesos!...

A hora é de combate para o Universo inteiro.

E vós, raparigas da Mocidade, ao arvorar pela primeira vez sôbre o peito os Castelos e as Quinas do vosso emblema, ficastes alistadas num Exèrcito, como soldados que têm o imperioso dever de lutar pela sua Nação.

Mas recordai aqueles versos da vossa Mocidade Lusitana.

Para as batalhas da vida,
a Fé — a Paz — e o Bem
são as armas de combate
que o nosso arsenal contém

Ora é precisamente assim que vos compete lutar!

O vosso mapa estratégico está aqui, diante dos vossos olhos, no quadro de Brenghel:

Para nós, Mulheres — para vós, Raparigas da Mocidade — combater pela Pátria — será praticar as OBRAS DE MISERICÓRDIA.

GIESTA

*Herdades dos S.tos Mártires*

*Janeiro de 1942*

*Minha querida Filha*

A vinte de Janeiro
Cresce uma hora
E quem bem contar
Hora e meia há-de achar
(rifão popular)

*Será assim? Já irá passando o inverno?*

*Aqui a terra está despida de galas e as árvores que perdem a fôlha tão nuas como «a nudez forte da Verdade sem o manto diáfano da fantasia...» As figueiras parecem sêcas e as amendoeiras ainda não floriram. Flôres não há. As violetas queimou-as a geada, coitadas! tão bonitas, tão modestas, sem afrontarem ninguém e vítimas, a-pesar-de tudo!...*

*Diz-me a Sylvéria que há uma rosa no jardim, em frente da Capela... uma só. Irei vê-la e cumprimentá-la e lembrar-me da frase de El-rei D. Diniz:*

*«Rosas em Janeiro? grande milagre é, Senhora!»...*

*No campo ainda acreditamos nêstes milagres porque estamos longe de tôda a moderna civilização e de tôda a moderna cultura forçada que não espanta já as grandes cidades e os grandes centros. Quantas rosas, quantos cravos em Lisboa, na ocasião do Natal! Não lhes pude chegar; pediram-me 48$00 por cada dúzia de umas e doutros. De que estufas aperfeiçoadas viriam? Os muguets sei eu que, nessa ocasião, vinham de Hamburgo. Quanto mais ternura me faz a minha pobre rosa que não foi artificialmente cuidada e, contudo, conseguiu vingar! Deve ter sido muito maior o seu esfôrço.*

*—«Mas que está a Mãi a fazer na quinta, agora?» dirás tu, minha querida Filha.*

*É verdade, estou cá. Vim por dois dias. Porque o Vasco tinha que vir á feira dos porcos, e eu aproveitei a sua companhia. Às vezes sinto um impulso grande de fazer isto ou aquilo, e faço-o como que obedecendo a ordem superior. Diz uma voz em mim: «Olha o frio... vais ficar tolhida... podes incomodar-te no comboio... para que é precisa a tua presença?...» diz outra:*

*«Vai. Quem o seu abandona... vai... prepara o terreno para os filhos... vê se cumpriram a tua ordem da distribuição da lenha aos pobres; se precisas de casar alguém, de dar algum conselho eficaz, de animar os feitores, de compôr alguns desavindos... Vai».*

*E então vou. E agora vim.*

*Por quanto tempo poderei ir e vir? Não sei o que Deus determinará de mim, em que época mais ou menos próxima me inutilizará, e comigo, a minha actividade. Aproveito em quanto posso.*

*E gôso infinitamente porque penso em ti, gôso contigo dêste ar tão puro, da vista dêstes pinheiros, que sempre te ensinei a não pisares, quando eram tão pequeninos e mal saíam da terra; gôso com o calor da lareira onde se queimam grandes tarouIos de oliveira provenientes da última limpeza dos olivais; olho para a cinza muito branca e penso prosaicamente: cinza fininha e branca, passada por cambraia delgada faz bom pó para lavar os dentes; madeira de oliveira é a que se queima em fogueira branca por debaixo dos enchidos que estão no fumeiro. — A matança tem que se fazer breve... é preciso mandar vir a irmã da Sylvéria que é especialista em preparar a carne... aproveita-se esta lenha... felizmente não sou só eu e os meus que nos aquecemos, os criados da casa têm lenha, os pobres também... êstes últimos que não a roubem... se o fizerem vou ser «terrivel no castigar», como o Afonso de Albuquerque na Índia. Sou mais severa do que era teu Pai... É verdade que uma vez o vi levantar a voz para increpar enèrgicamente certa criatura que andava a roubar azeitona, com um saco; se já era alto, pareceu-me naquele momento que tinha crescido ainda mais e vi-o cheio de justiça e autoridade... Eu tinha 20 anos... agarrei-me ao seu braço e tremi...*

*A sua doçura, a sua meiguice, a sua brandura também podiam ser autoridade e justiça? Foi a primeira vez que o reconheci e compreendi. Tôda a mulher quere reconhecer fôrça no homem que ama... Naquele dia julgo que amei mais, pois senti que também podia temer. De um certo temor, vem o respeito.*

*Aflijo-me quando teus irmãos às vezes me dizem: «Todos têm mêdo da Mãi»...*

*Mêdo?! e contudo eu só queria inspirar confiança. O mêdo afasta. Mas será antes êsse temor que provoca o respeito? Deus queira que sim...*

*Tôdas estas coisas vou pensando à lareira...*

*Ontem à noite, depois de jantar, o Vasco e eu sentámo-nos ao pé do lume, êle cansado do seu dia no Tribunal, do Trabalho em Lisboa. Veio o feitor falar de negócios e dos porcos que se iam vender hoje na feira... estava um calorzinho tão bom e a voz do feitor é tão monótona!...*

*O Vasco ia espaçando as suas observações e respostas e, de repente, disse assim:*

*—«Êles também... não trazem testemunhas»... — depois largou a rir.*

*— «Já estou com tanto sono que confundi o que se passou hoje no Tribunal com os porcos e acabo de dizer que os porcos não trazem testemunhas, que foi o que disse a uns operários que foram lá ter comigo»...*

*Pois é, pois é, para não haver mais confusões vamos deitar-nos; são bôas horas... Bôa noite, Antônio...*

*— Bôa noite, meus senhores. Espero que V. Excelências descansem.*

*— Então ámanhã partimos às 10 horas, no automóvel... bôa noite, Antônio...*

*— Bôa noite...*

*Os candeeiros de azeite começavam todos a ter morrão... quási que só havia brasas na lareira... o luar, lá fóra assustava as aves noturnas com tanta claridade e espalhava silêncio... o frio não consentia aos techugos e às rapôsas que saissem das tocas, não se lhes ouvia o regougar... não se ouvia nada...*

*Tudo a dormir.*

*Era quási meia noite. Nem sequer estava o tempo bom para os lobis-homens se irem espojar nas encruzilhadas das estradas; a escuridão deve ser-lhes mais propícia...*

*Que mêdo!*

*Era a hora má, outrora tão nefasta aos caminheiros e viandantes... hora que, ainda hoje no campo, traz consigo um arrepio. Quási meia noite! meia noite em ponto!... coitados dos que andam perdidos... coitado do mendigo que não chegou a tempo para pedir agasalho naquela aldeia...*

*Senhor Jesus, lembrai-vos de todos porque todos são vossos filhos...*

*Que frio!... Um candeeiro já se apagou...*

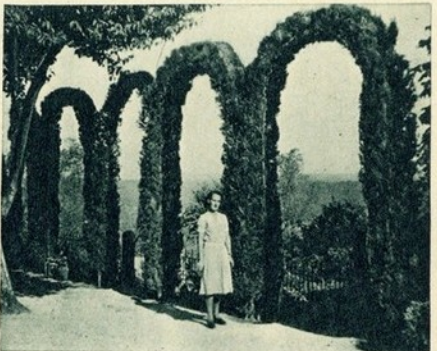
*Que sono!... Agora foi o outro...*

*Não se ouve nada... uma aranha vem espreitar à beira das traves do têto...*

*Bôa noite... Bôa noite...*

*E agora bôa noite também a ti, minha querida Filha.*

*Fica-te com a minha bênção e a minha ternura na paz e no calôr do teu lar.*

*MÃI*

Carolina Michaëlis

# DUM ROSÁRIO DE SAUDADES

*Em uma dessas tardes formosíssimas de Vidago, tardes de outono, de horizontes de lilás e roxo, evocadoras duma saúdade vaga indefinida, tardes de poentes indistintos, em que o Sol ancioso de paz e sonolento espera resignado a sombra da noite protectora, fui bruscamente despertada por alguém que me indicava uma Senhora que desejava falar-me.*

*Eu estava tôda entregue ao meu sonho, escutando o mundo de confidências, que as coisas silenciosas me segredavam na sua serenidade e mudez incomparáveis.*

*Estranha a tudo que me cercava, punha em paralelo a saúdade presente, que a beleza inconfundível do momento intensificava amenisando-a, com as horas do passado que eu, na ânsia de sofrer, tinha escurecido de infundados receios, tinha iluminado de outros sonhos insatisfeitos e de aspirações irrealizadas.*

*E pensava que também chegaria para mim a hora da libertação, em que um mosteiro piedoso de paz e de esquecimento me abrisse as suas portas...*

*A presença da Senhora desconhecida incomodou-me, confesso.*

*De repente, como se tivesse lido os pensamentos que eu, mal habituada às mentiras convencionais, sem o sentir, deixara transparecer, a Senhora sorrindo disse: «Sou a Carolina Michaëlis». Não sei o que respondi. Devia ter ficado sucumbida, envergonhada, por não A ter adivinhado, por não A ter pressentido.*

*Mas seria possível que estivesse ali a meu lado, procurando-me na humildade do meu nome, essa Mulher superior, essa maravilha de erudição? Tanto o meu espírito se habituara a admirá-la, como diferente de tôdas, que eu não podia acreditá-lo.*

*E os seus olhos pequeninos, brilhantes, muito profundos, ao verem o meu embaraço fixaram-me com doçura, para me sossegar, como que a dizerem-me que estava perdoada, pelo primeiro movimento de enfado, que certamente surpreendeu em mim, quando me arrancaram do meu sonho e da contemplação muda dêsses horizontes formosíssimos de lilás e roxo...*

*E falou-me simplesmente, como se fôsse a mais humilde das criaturas, dos meus versos — pobres versos, que Ela queria engrandecer, fazendo-os figurar na sua Antologia dos poetas vivos.*

*E sua alma delicadíssima de Mulher, cheia de afectuosa ternura pelos seus e de generosidade pelos alheios, manifestou-se-me logo em todo o seu encanto.*

*Que os competentes, os eruditos recordem Aquela que pelo seu saber vastíssimo e profundo foi, no seu campo, «a primeira cabeça feminina do mundo intelectual moderno» como a seu respeito disse Mendes dos Remédios. Porque a mim só acode neste momento a ternura duma simples alma de mulher, que da minha alma se abeirou e com ela comunicou, em uma dessas tardes formosíssimas de outono, de horizontes de lilás e roxo, evocadoras duma saúdade vaga indefinida...*

**Domitilla de Carvalho**

# DEUS NÃO DORME

POR *Maria Paula de Azevedo*

I

Num grande navio de carga que seguia para o Brasil viajavam, com bilhetes especiais, o engenheiro Paulo de Oliveira e sua filha de onze anos Maria da Luz, além de poucos mais passageiros. Morrera a sua mulher, a encantadora mãe da pequenita; e por tal fórma o desgôsto se apossára do seu espírito que quási perdera a aptidão para trabalhar em Portugal. Resolvera, então, tentar nova vida no Brasil e levava consigo a filha.

Navegavam no alto mar, numa noite escura e fria, quando se ouviu a bordo um grande estrondo: espalhava-se já o pânico entre os poucos passageiros, mas a tripulação obedecia com admirável disciplina às ordens sêcas do comandante e do imediato.

Saindo do seu camarote, Paulo de Oliveira correu ao camarote ao lado do seu onde, com duas senhoras, dormia Maria da Luz.

PAULO (*chamando*) — Luz! Luz! Veste-te depressa e vem!

A VOZ DE LUZ (*acordando*) — O que é, Paisinho? Já chegámos? Ainda é noite!

UMA SENHORA (*de dentro do quarto*) Descance, sr. Oliveira, que ela vai já. O que será isto, meu Deus?!

PAULO (*calmo*) — Venham o mais depressa possivel!

Daí a momentos apareciam todos no convés, uns perguntando o que se passava, outros dando explicações desencontradas e contraditórias, todos agitados e aflitos.

UM HOMEM — O nosso barco foi atingido por um torpedo!

UMA SENHORA (*gritando*) — Que horror!

MARIA DA LUZ (*chorando*) — Paisinho, vamos para o fundo?

Nêste momento outro estrondo ainda maior atingiu o grande navio! E viu-se, com as luzes fortes de bordo, a uma distância relativamente pequena, o periscopio dum submarino!

Foram rápidamente tiradas as baleeiras, os escaleres, tudo o que poderia levar aquela população que enchia o barco; e, na noite escura, entre gritos, lágrimas, e rézas, dispersaram sôbre as águas as frágeis embarcações, umas com motor, outras a remos, enquanto o navio, atingido por mais torpedos, se afundava em pouco tempo. Maria da Luz desmaiára nos braços duma das senhoras. E Paulo de Oliveira onde estaria? Fôra êle mesmo que puzera a filha naquela baleeira, a maior e a mais sólida de tôdas; voltára, porém, para o navio, a salvar outras pessoas; e agora ninguém o via ali...

Desaparecera o submarino sinistro! e a baleeira ia seguindo à deriva, com trinta e tantos náufragos a bordo. Quando raiou a madrugada o chefe da embarcação, marinheiro português de cara tisnada e coração leal, declarou:

— Aqui só há que pedir a Deus que nos acuda: não há mantimentos, não há água, não há gazolina para mais de duas horas.

LUZ (*voltando a si*) — O meu Pai onde está?!

A SENHORA (*ameigando-a*) — Ficou na outra baleeira, Luzinha.

LUZ (*admirada*) — E nós para onde vamos?!

O MARINHEIRO (*gravemente*) — Para onde Deus nos mandar.

OUTRA SENHORA (*levantando-se, excitada*) — Olhem! Olhem! um navio enorme no horizonte!

OUTRAS PESSOAS — Lá vai! Lá vai!

O MARINHEIRO — O peor é se não nos vê... Vou vêr se posso amarrar qualquer trapo ao mastro: a minha camisa!

VÁRIAS PESSOAS — Juntamos três ou quatro camisas para se vêr melhor!

O MARINHEIRO — E vou dar um tiro para o ar com o meu revolver!

Tudo isso se fez, com a angústia no coração, a esperança na alma, a fé em Deus... As senhoras e Maria da Luz, juntando-se a outras pessoas, rezavam devotamente, multiplicando em voz alta as jaculatórias; enquanto os homens, com o resto de gazolina que ainda havia e a bandeira branca, feita de quatro camisas amarradas umas às outras, prêsa ao mastro, faziam esfôrços sobrehumanos, remando com tôda a fôrça, para se aproximarem do navio salvador.

Mas as ondas eram tão altas... E a frágil baleeira, encharcando os pobres náufragos, parecia uma casca de noz atirada ora para um lado ora para outro... Assim passaram horas de verdadeira angustia, à qual se juntavam, agora, a fome e a sêde, cada vez mais aflitivas.

O MARINHEIRO (*de repente*) — Estamos salvos: já nos viram de bordo do vapor! — Foi um grito geral de alegria e comoção.

MARIA DA LUZ (*rindo*) — Foi Nossa Senhora!

O MARINHEIRO — A ultima gota de gazolina já nos não leva até lá; e as nossas fôrças estão acabadas de todo! mas êles é que vão mandar-nos um escaler.

MUITAS VOZES — Abençoados sejam! Que felicidade!

— Meu Deus, graças Vos sejam dadas!

E, de facto, dali a uma hora, viram chegar um escaler do *Angoche* com a bandeira portuguesa na pôpa. Acolhidos todos com a maior alegria, puderam os pobres náufragos comer, beber, dormir durante horas e horas seguidas, esquecendo, quási, que estavam longe dos seus e ignorantes do seu destino...

. . . . . . . . . . . . . . . .

Onde ficara Paulo de Oliveira e os seus companheiros?

Ninguem ainda conseguira sabê-lo.

O *Angoche* recolhera outros náufragos; mas do pequeno escaler onde se tinham refugiado os ultimos homens do vapôr torpedeado não se tinha noticia alguma: afundára-se, decerto, sem que ninguem pudesse salvar-se! E a pobre Maria da Luz era agora uma triste orfã, que à dedicação daquelas senhoras devia o carinho e o amparo de que a rodeavam.

O *Angoche* aportara enfim a Lisboa; e Maria da Luz fôra com as duas senhoras para a casa onde geralmente habitavam, na rua Latino Coelho, e que tinham deixado provisoriamente fechada enquanto durasse a sua visita ao Rio de Janeiro.

Essas senhoras eram irmãs: uma, D. Augusta, viúva dum brasileiro; a outra, D. Ermelinda, solteira.

D. AUGUSTA — Minha pobre Luzita, enquanto o teu pai não te reclamar ficas sendo nossa filha; queres?

LUZ (*chorando*) — Gosto muito de si, senhora D. Augusta, mas queria vêr o meu Paisinho...

As duas senhoras abraçaram-na.

D. ERMELINDA — E não te lembras de parentes teus aqui em Lisboa, Luz? Como se chamam e onde moram?

LUZ (*pensativa*) — As primas Castros estavam mal connosco; a minha madrinha morreu...

D. AUGUSTA — E não tens tios? Irmãos dos teus pais?

LUZ (*sorrindo*) — Tenho o tio Guilherme; mas vive sempre na Beira Baixa! É primo do meu Paisinho.

Como tudo isto era vago... As duas senhoras olharam uma para a outra tristemente.

(*Continúa*)

## PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...

# TEREZINHA

## «Soldado de Cristo»

NAQUELE Domingo de Abril enchiam-se as camionetas que partiam para variadas terras em alegres excursões; e entre elas ia uma para Fátima, levando Terezinha de Sousa com duas primas, sob a guarda duma criada antiga. Terezinha tinha doze anos. Recebera neste mesmo ano o Sacramento do Crisma: e o Espírito Santo entrara no seu coração tão fortemente, dizia ela, que se sentia verdadeiro soldado de Cristo, pronta a combater por Êle! Os irmãos riam-se daquele entusiasmo e chegavam a troçá-la.

— A menina diz isso tudo: mas se tivesse de defender as suas idéias no meio de gente que as discutisse, sempre queria ouvi-la! — disse João, que tinha quinze anos.

— Tomara eu que chegue essa ocasião! — respondeu Terezinha, com fôrça.

— Ai, sua têsa! — gritou-lhe Quim, o irmão mais novo.

— Não a arreliem, meninos — aconselhou a mãe — deixem-na pensar em sossêgo na ida para Fátima amanhã de manhã.

E a alegre caravana partiu na manhã seguinte, cantando cânticos à Virgem, rezando o terço em côro, num ambiente de sincera devoção.

Ao fim de duas horas pararam em Santarém; e todos desceram para comerem os seus farneis e desenferrujar as pernas.

— Vamos até às Portas do Sol — lembrou Luiza, uma das primas de Terezinha.

A criada não aprovou.

— Deixem-se as meninas de passeios: é comer e pensar em Nossa Senhora, que para isso é que a gente aqui vai.

— Oh Rosária, não sejas rabujenta — disse Terezinha — podemos bem dar uma voltinha!

— Está bem, menina, está bem: mas veja lá as horas, pelas alminhas!

Contentíssimas, tomaram o caminho para as Portas do Sol. Que deslumbrante vista dali se gosava! A planície, cá em baixo, muito vasta, muito verde... O rio Tejo, dum azul acinzentado, com a ponte, tão graciosa, e os barcos vagarosos a subi-lo e a descê-lo...

As três pequenas esqueciam-se já das horas, tal era o seu encanto pelo lindo panorama que tinham diante dos olhos! Terezinha, de repente, olhando para o pulso, viu que já lhes seria difícil chegar a tempo: teriam de correr a bom correr. E com elas corriam mais algumas pessoas que pertenciam às outras camionetas e, como elas, tinham ido dar um passeio.

Chegaram, enfim, ao grande largo onde estavam os carros todos; uns levando excursões domingueiras, e um dêles, apenas, peregrinos para Fátima.

— Subam, subam, não escolham lugares! — gritou um dos condutores, empurrando os passageiros para cima dos carros — Toca a andar, que se faz tarde!

No meio de risos alegres, lá se acomodaram todos, sem procurarem os seus lugares anteriores. E as camionetas partiram, apressadas.

Terezinha, isolada das primas e de Rosária, procurava descobri-las entre as dezenas de passageiros que a rodeavam.

— Ficaram no banco de trás — pensou.

Rosária e as duas pequenas, não vendo Terezinha, concluiram, serenamente:

— Ficou decerto lá para trás; em havendo outra paragem vem para o pé de nós. — Mas não havia paragem nenhuma senão em Tomar; e, agora, raro era o passageiro que não se deixava dominar pelo sono, depois do lanche e com os solavancos da estrada...

Terezinha dormitava; e, inconscientemente, encostara a cabeça à sua vizinha, uma mulher de chale e mantilha, já velhota. Com a paragem súbita do carro, acordou estremunhada.

— É já Tomar? — preguntou à sua vizinha.

— A menina vai para Tomar?! — exclamou a mulher.

— É sítio onde a gente não passa, santinha — esclareceu um rapaz.

— Mas então não vamos para Fátima? E onde estão as minhas primas? Onde vai a Rosária? Oh meu Deus, onde estou eu?!! — gritou Terezinha, aflita.

Então falaram todos ao mesmo tempo; e a pobre Terezinha compreendeu que se enganara no carro!

— Isto é uma excursão, menina; vamos parar perto de Alemquer e fazemos lá um pic-nic: deixe lá que se há-de divertir connôsco e nada lhe sucederá! — tornou o rapaz, amàvelmente.

Terezinha chorava.

— Oh filha, nada de lágrimas! — disse a velhota — não vê que vai com gente de bem?

— Um fadinho para animar, oh Zé! — disse uma voz. E o rapaz tirou uma guitarra dum saco e começou a cantar um fado tristonho, em que uma mulher abandonada lamentava a sua desdita e falava em suicidar-se no cemitério.

Terezinha, chorando baixo, recordou os cânticos à Virgem que na outra camioneta tinham acompanhado a sua alegre viagem de Lisboa a Santarém!

— Pronto, já cá estamos! — gritou uma rapariga nova, de farripas sôbre a testa e os beiços pintados, batendo palmas.

— Viva a reinação! Toca a abrir os cestos!

— Desça, menina, que vai reinar connôsco! — exclamou outra rapariga, amàvelmente.

— Deixe lá as lágrimas, olhe que a vida é só uma — murmurou-lhe a mulherzinha que ia a seu lado.

— Que hei-de eu fazer, Deus meu? — suspirou Terezinha.

Tinham descido todos e iam-se sentando no chão com os cestos abertos, tirando dêles as garrafas de vinho, as frutas, os embrulhos de pão e pastéis.

— Então para onde ia a menina? — preguntou um homem de cigarro ao canto da bôca.

— Para Fátima! — respondeu Terezinha — Ia com tanta devoção pedir pela paz a Nossa Senhora!

— Lérias! — disse o homem, cuspindo.

Terezinha voltou-se para êle:

— O senhor o que diz?! Não acredita em Nossa Senhora? Não tem religião? Não conhece Jesus?!

Fartas gargalhadas romperam do grupo todo.

Zé, o rapaz da guitarra, observou:

— Cada qual tem lá as suas manias. Eu tive uma tia que punha um chifre atrás da porta para lhe dar sorte!

— Coitados! — exclamou Terezinha muito séria, olhando em redor — Não conhecem Jesus Cristo, Nosso Senhor! — e, no seu íntimo, sentiu uma tal felicidade em ser cristã e uma tal fôrça para proclamar essa felicidade que os seus olhos brilharam de fé e a mulherzinha de chale murmurou:

— Eu cá, se puxar bem pela mimória também me estou a lembrar dos tempos da minha mãe, co'as procissões lá na terra, a visita do Senhor no Domingo da Ressurreição...

— Na minha terra também havia disso — disse outra, pensativa.

— E eu fiz a minha primeira Comunhão solene, sabe a menina? — disse uma das raparigas, chegando-se a Terezinha.

— Também eu! — gritou Zé, erguendo a guitarra ao alto — E era dos melhores lá na Doutrina!

— Eu fui crismada êste ano — tornou Terezinha — e por isso sinto uma fôrça em mim, capaz de converter tôda a gente!

— A miúda tem piada — observou um dos homens.

— E digam lá todos com verdade e com a mão na consciência: a religião ensina e aconselha coisas más? — tornou Terezinha, a sério.

— Lá isso não! — exclar[illegible] mulherzinha.

— E é tão feliz quem tem religião! — declarou Terezinha.

— Vamos ao lanche, criaturas; então não há nma regra na Doutrina que manda dar de comer a quem tem fome?

Todos riram alegremente, e logo se instalaram a comer com apetite, obrigando Terezinha a comer também. Numa alegria calma, sem gritarias, decorreu o pic-nic.

Terezinha, cismática, pensava:

— Não seria tudo isto um propósito da Providência, para que esta gente se lembrasse da religião de Cristo??

Nessa mesma tarde um automóvel de pessoas amigas, que um feliz acaso trouxera até ali, levou Terezinha até Fátima, onde Rosária e as primas, em lágrimas, ajoelhadas diante da Imagem da Virgem pediam a Nossa Senhora que olhasse por ela e a trouxesse depressa para junto delas!

— Cá estou! — gritou Terezinha, radiante — e olhem que fui hoje um verdadeiro soldado de Cristo!! — E Terezinha, comovida, contou as peripécias daquela tarde agitada.

— Nossa Senhora é que protegeu a menina — comentou a boa Rosária.

— Nossa Senhora é que me levou para junto daquela gente, Rosária! — concluiu Terezinha — E foi por eu ter ido com êles que se ficaram lembrando de Jesus Cristo!

# PRODUZIR E POUPAR

*Deixámos o mês passado os nossos coelhos instalados na sua nova habitação. Verificámos que comem bem e sempre com apetite. Estão bastante bonitos e tôdas nós começamos a ter pena de os estar a crear para obter os tais quilos de carne, que o Ministério da Economia diz serem necessários. No outro dia descobri um com laçarote ao pescoço, carinhosa demonstração que não indicava uma próxima matança...*

*Entretanto gostaríamos de arranjar uma horta para termos couves em abundância para os coelhos e para nós também. Conhecemos umas pessoas que arranjaram para êsse fim cultivar, em sociedade, um bocado de terra, não longe do centro da cidade. Estava destinado á construção dum prédio.*

*— Disseram-nos os entendidos que a terra é de aluvião, mèdiamente compacta, com tendência para ser solta e ligeira. Uns vizinhos que são do Minho ficaram muito contentes com a idea da horta e prontificaram-se a cavar a terra à profundidade necessária, que é duns 40 a 50 centímetros, pelo menos. A terra na verdade precisa ser arejada e movimentada para que nela se desenvolvam bem as raízes e as culturas. Arranjaram-se os adubos com pouca despesa porque várias pessoas deram estrumes de cocheiras, fôlhas sêcas de jardim e outros desperdícios, que são feios à vista, mas que, bem cortidos, hão-de contribuir para a beleza dos nabos, couves, etc. São precisos uns 10 kg. de estrume por hectare. Os adubos químicos são muito de aconselhar, tais como superfosfato de cálcio, nitrato de sódio e outros, mas os meus amigos por enquanto não podem dispor do dinheiro que é necessário para essa compra. Empregarão apenas, em parte do terreno, algum nitrato de sódio em solução na água na proporção de 20 a 25 gr. por 10 litros.*

*Primeiro têm de se estabelecer os «alfobres» ou «viveiros» para daí se tirarem as plantazinhas que hão-de ser colocadas na horta; «alfobres» estabelecidos no período outono-invernal têm de levar a chamada «cama quente». E' feita de estrume fresco de cavalo à mistura com fôlhas sêcas. Parece isto uma grande porcaria mas é a única forma de conseguir manter uma temperatura de 15 a 18 graus. A sementeira faz-se logo depois do «golpe de fogo», quere dizer, quando a cama regressou à temperatura normal. Podem ser usados também caixotes ou estufins para proteger as plantas. Devem vir a plantar ervilhas, depois batatas, pimentos, cebolas e nabos, além das couves.*

*Têm os nossos amigos lido com todo o interêsse o livro do engenheiro agrónomo Motta Prego «A Horta do Tomé», que obtiveram de graça no Ministério da Economia. Sei por ter visto que os conselhos que lá se dão, em forma de história, são muito bons.*

*— Quando eu era pequena e morava em Sintra fui com a minha professora primária à aldeia de Vila Verde para ver «a horta do Tomé». Dois rapazinhos dêsse lugar tinham sido premiados na escola, com êsse livro, e resolveram pô-lo em prática.— Não imaginam que bela horta tinham! Couves repolhudas, nabos viçosos, cenouras, beterrabas, feijão, ervilhas, batatas, tudo crescia e medrava, como se diz no campo. Como êles e a família não queriam comer tudo, vinham à praça a Sintra vender os seus produtos e fizeram bom dinheiro.*

*Faltava ainda para a tal horta na cidade resolver o problema da água. Felizmente descobriu-se um terreno que chega bem para as regas. (São precisos, por hectare, uns cem metros cúbicos, por dia). Que felizes são os nossos amigos!*

*Gosto imenso de regar. E' tão agradável estar com a enxada a fazer caminho à água e ver as couves, que estão murchas e com as fôlhas enroladas, começarem a arrebitar e a matarem a sêde! De madrugada nunca reguei, mas numa tarde de primavera, verão ou outono não encontro trabalho mais útil e mais saudável.*

*E quando se olha à roda é tão bonito, no campo, o verde tenrinho das hortas e o cheiro a terra molhada aproxima-nos tanto da natureza! Estes meus conhecidos vão ter uma experiência, para mim singular, é de descançarem da sua tarefa, apoiando-se na enxada, olharem em volta e... verem casas.*

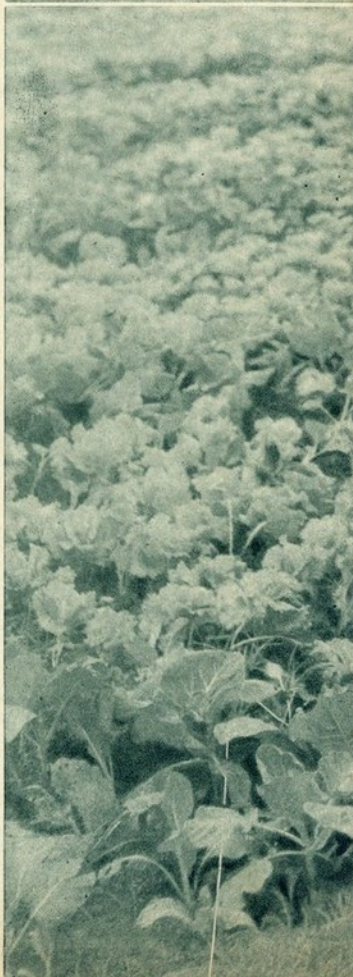
*Mas os tais minhotos tão solícitos talvez consigam não olhar muito para longe e, contemplando apenas aos pés a sua horta viçosa, julguem e vejam, na sua mente, o seu Minho tão lindo e as suas hortas floridas.*

**Francisca de Assis**

***A cebola*** — em valor alimentar; 1 quilograma equivale a 250 gramas de pão de trigo, ou 200 gramas de carne ou 140 gramas de queijo ou a 9 decilitros de leite de vaca.

***A fava*** — em igualdade de pêso tem pouco mais ou menos o valor da carne.

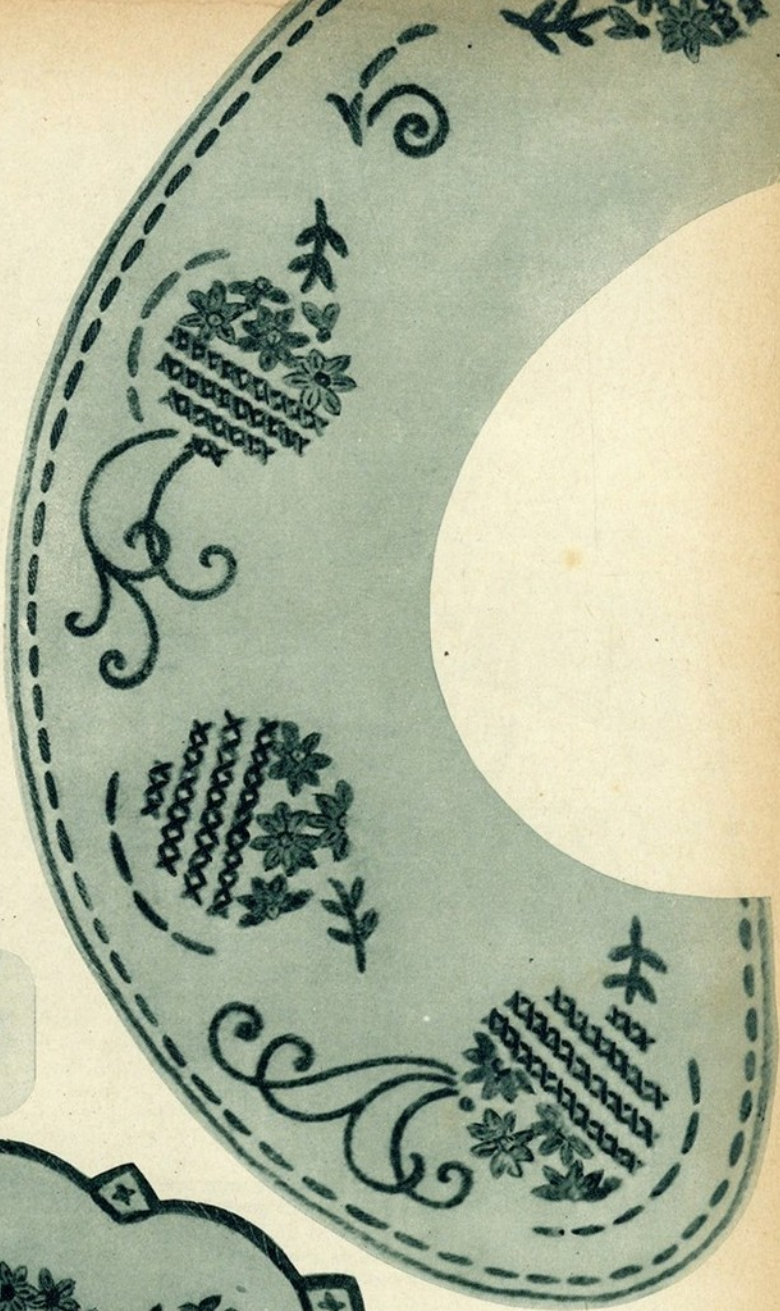
***O feijão*** — 1 kilo de feijão equivale pouco mais ou menos a 154 gramas de pão de trigo, 128 gramas de carne ou 6 decilitros de leite de vaca.

***A ervilha*** — Este legume é fortemente vitaminado, predominando em elevada percentagem as vitaminas B. e C. (anti-nevrítica e anti-escorbútica) e em pequeníssimas quantidades as A. e E.

# GOLAS PARA VESTIDOS DE CRIANÇAS

Continuamos hoje a publicar, para satisfazer o pedido duma Directora de Centro, mais alguns trabalhos fáceis, que poderão ser executados pelas Lusitas e Infantas.

Qualquer vestidinho simples ficará gracioso com estas golas.

As flores feitas em ponto de anel, poderão ser azuis, côr de rosa e amarelas (depende também da côr do vestido).

## Trabalhos de Mãos

# COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

## AS CRIANÇAS E A NEVE

Eu escrevo diante dum panorama dos mais lindos que Deus Nosso Senhor quís pôr sob os nossos olhos: a Neve!

Ela aí está branca e leve espalhada por tôda a parte a dar-nos a ilusão de que vivemos num país de maravilha em que as árvores, os caminhos e os céus se unissem para nos mostrar que a vida pode ser linda como linda é a neve que os cobre.

Vejo-a da janela tão lisinha, tão bonita na sua alvura imaculada e ponho-me a pensar nos pequenitos de Portugal — êsses outros flocos de neve espalhados pelos nossos lares, pelas nossas casas, por tôda a parte — lembro-me dessas almitas que nós tantas vezes maltratamos tão inconscientemente, tão impensadamente... E a alma dos pequeninos é como a neve: se a pisam não torna a ser o que foi.

As Crianças e a Neve — duas coisas lindas que Deus pôs no nosso caminho como pálidos reflexos da sua própria beleza.

As Crianças — quando as vemos sentimo-nos cheias da alegria simples, filha da inocência que é a matéria-prima da alma dos pequenitos.

A Neve — quando a vemos, mesmo por uma janela aberta em frente da nossa cama de doentes, enche-se-nos o coração de alegria e confiança; essa confiança que nos falta tanta vez na vida...

As Crianças e a Neve — dois dons de Deus!

As Crianças alegram-nos com as suas brincadeiras; distraem-nos com as suas tagarelices.

A Neve alegra-nos com o seu cair em farrapinhos; distrai-nos com as mil maneiras de se acomodar nas fôlhas dos abetos, nos troncos dos castanheiros, nos liquens dos pinheiros, nas pedras, nos caminhos, em tôda a parte onde ela cai e fica à espera dum raiozinho de sol que a transforme em gôtas de água muito brilhantes e muito lindas ainda na sua melancolia de sonho desfeito.

As crianças e a Neve — duas bênçãos de Deus! As crianças: felicidade das nossas casas. A Neve: felicidade na nossa vida de doentes. Bendito sejais, Senhor, por no-las terdes dado!

Sanatório da Guarda — *Maria Leonor*

## QUANDO ACORDEI... AO NASCER DO SOL!...

*Seis horas da manhã.*

*O despertador acordou-me com o seu som estridente, dizendo-me que tenho muito que estudar.*

*— Vá, levanta-te, não sejas mandriona, olha que a preguiça é um pecado muito feio!...*

*— Só mais um bocadinho!... Tenho tanto sono!...*

*Abro melhor os olhos, e vejo que o sol bate na cama como que a despertar-me melhor.*

*— Bem, lá vou!*

*Dou um salto da cama e encontro-me no chão. Chego à janela. Abro-a. Já me esqueci que tinha sono!*

*Diante dos meus olhos desenrola-se o mais maravilhoso panorama que se possa imaginar! O céu tem uma côr que é impossível explicar. É entre azul e esverdeado e com uns tons róseos.*

*O Sol parece uma brasa, deitando os seus raios fosforescentes para todos os lados. Está a subir muito devagar, detrás dum castelinho que fica mesmo em frente da minha janela. Que maravilha! Não se pode conceber nada no género. Junto ao horizonte o céu está muito clarinho mas do lado contrário tem ainda um azul bastante forte. Os passarinhos já estão acordados; foram mais madrugadores do que eu. No canteirinho da minha janela as flores estão tôdas cheias de gotinhas de orvalho. O ar está muito fresquinho!...*

*... E é ali diante daquela maravilhosa obra de Deus que eu rezo. É ali que eu deponho a Seus pés a minha oração desta vez mais fervorosa!*

*Olho para o relógio. Meu Deus! Sete horas! Parece impossível como assim se passou uma hora. E vou estudar porque faltam pouco mais de oito dias para o exame.*

Maria Selene Guerne Garcia de Lemos
*Filiada n.º 11.849 — Vanguardista — Centro n.º 1 Ala 4 — Divisão da Extremadura*